

Teo
Lite
rária



Arquivo recebido em
16 de setembro de 2014
e aprovado em
15 de novembro de 2014

V. 4 - N. 8 - 2014

* Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São João del Rei (2000), mestrado (2005) e doutorado (2009) em Ciência da Religião / Filosofia da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é professor vinculado ao Departamento "Fundamentos da Educação" da Universidade do Estado de Minas Gerais - Campus Barbacena e pesquisador do Núcleo de Pesquisa "Educação: Subjetividade e Sociedade" onde desenvolve suas atividades como bolsista da FAPEMIG. Tem experiência nas áreas de Filosofia e de Educação, com ênfase em Filosofia da Religião, atuando principalmente na linha tênue entre Filosofia e Literatura com temáticas voltadas para a análise da religiosidade e do messianismo e seus desdobramentos nas concepções de ética e experiência em autores como Franz Kafka, Walter Benjamin e Giorgio Agamben. Entre 2010 e 2013 atuou como coordenador da pesquisa "O lúdico e a educação" fomentada pelo edital universal da FAPEMIG e desde 2011 é Bolsista de Incentivo à Pesquisa da FAPEMIG. Este trabalho é fruto das pesquisas desenvolvidas com fomento da Bolsa de Incentivo à Pesquisa da FAPEMIG 2/2013-1/2014.

O OUTRO ABRAÃO DE FRANZ KAFKA

Mauro Rocha Baptista*

Resumo

Abordar a temática da religião em Franz Kafka a partir da análise feita pelo teólogo Karl-Josef Kuschel em seu retrato teológico-literário do judeu do círculo de Praga sem limitar a uma leitura restrita ao judaísmo, mas envolvem interpretações que o aproximam da esperança cristã, em carta à Robert Klopstok, seu amigo dos últimos anos de vida, em que descreve o personagem que chama de "outro Abraão".

Palavras chave: Franz Kafka, Epistolografia, Outro Abrão, Teologia e Literatura.

Abstract

The aim of this is paper is address the issue of religion in Franz Kafka from the analysis made by the theologian Karl-Josef Kuschel in his theological and literary portrait of the Prague Circle Jew not limited to a narrow reading to Judaism, but involve interpretations that the approach of Christian hope, in a letter to Robert Klopstok, his friend of later years, in describing the character he calls "the other

Abraham.”

Keywords: Franz Kafka, epistolography, Other Abram, Theology and Literature.

A bordar a temática da religião em Franz Kafka requer alguns cuidados, dentre eles podemos citar dois que podem ser observados a partir da análise feita pelo teólogo Karl-Josef Kuschel em seu retrato teológico-literário do judeu do círculo de Praga. “Gerações de teólogos debruçaram-se com entusiasmo sobre a obra do judeu Franz Kafka e não perceberam que a totalidade dos textos literários, publicados ou inéditos, não apresentam temas, personagens ou problemas especificamente religiosos” (1999, p. 36). O alerta proposto por Kuschel nos faz observar: 1) Que o interesse pelas análises teológicas de Kafka é grande, o que precisa ser completado com a informação de que essas abordagens não se limitam a uma leitura restrita ao judaísmo, mas envolvem interpretações que o aproximam da esperança cristã (Charles Möller – 1958), da cabala (Gershom Sholem – 1999; Robert Alter – 1992), da busca pela graça (Max Brod – 1945), dentre outras variantes.¹ 2) Que apesar desse interesse as obras de Kafka não tratam diretamente da temática religiosa, o que exige do interprete atenção e respeito ainda maiores para não assumir que a interpretação proposta seja a chave única de leitura do texto.

Raramente Kafka trabalha com personagens e situações religiosas, assim como é raro, principalmente nos textos de ficção, o uso de vocabulário tipicamente religioso. Apesar disto é forte o apelo a uma leitura de seus textos a partir do instrumental fornecido pela religião. Se no âmbito da teologia essa tensão é expressa claramente por Kuschel em seu manual de teologia e literatura, na área das ciências humanas a

1. Uma análise mais pormenorizada das interpretações de Kafka a partir da religião foi feito em nosso artigo do dossiê de Literatura e Religião da revista Horizonte: BAPTISTA, M. Sobre anjos e folhas secas: em torno do Angelus Novus de Paul Klee. Horizonte (Belo Horizonte), v. 10, n. 25. jan./mar. 2012, p. 157-175.

mesma tensão é percebida pelo sociólogo Michael Löwy que, visando uma leitura de Kafka a partir do marxismo, interpretação completamente independente da religião, não pode evitar a constatação de que, “é inegável, contudo, que uma atmosfera estranha de religiosidade impregna os grandes romances inacabados de Kafka” (2005, p. 130). Entre o teólogo Kuschel e o sociólogo Löwy há a afirmação uniforme de que existe uma tensão fundamental entre a literatura kafkiana e a religião. Kafka não se expressa de forma religiosa, mas se expressa em uma atmosfera religiosa. Qualquer estudo que pretenda se preso a uma busca simples de elementos formais de religião em Kafka está fadado ao fracasso, assim como qualquer estudo que pretenda ler Kafka totalmente à parte desta tensão religiosa.

A carta que selecionamos para análise está diretamente ligada ao contexto religioso, uma vez que analisa a figura de Abraão, mas, mesmo neste caso é importante estar atento aos alertas elencados acima, ou seja, não se deve tomar a obra de Kafka como uma proposta exclusivamente teológica, nem como exclusivamente literária. Em nossa análise procuraremos manter essa tensão sempre viva.

Em carta à Robert Klopstok, seu amigo dos últimos anos de vida, Franz Kafka descreve o personagem que chama de “outro Abraão”, na verdade ele produz outras realidades possíveis para o patriarca, usando um formato consagrado por Kierkegaard em seu *Temor e Tremor* (1979), embora muito distante da intenção elogiosa proposta pelo dinamarquês. O contato de Kafka com os textos de Kierkegaard é marcado pelo rompimento entre ele e sua noiva Felice em fins de 1917. A partir desse ponto aparecem algumas referências à leitura do filósofo dinamarquês em seu diário. Mais importante, contudo, é observar a presença da influência de Kierkegaard na série de aforismos conhecidos como *Pensamentos sobre o Pecado, o Sofrimento, a Esperança e o Caminho da Verdade*

(escritos entre outubro de 1917 e fevereiro de 1918).² A influência de Kierkegaard seria muito forte, mas Kafka frisa a diferença fundamental entre eles na esperança que enquanto cristão seu precursor pode ter, e que ele próprio não consegue alcançar.

O Abraão de Kafka é incapaz de realizar o sacrifício porque não consegue sair de casa, está preso nos diversos afazeres da construção de um lar, ou não tem um filho para sacrificar, ou ainda, não consegue acreditar que, de fato, ele tenha sido escolhido para realizar este sacrifício. A seguir analisaremos a carta em fragmentos temáticos.

An Robert Klopstock
[Matliary, Juni 1921]

Mein lieber Klopstock,
Liegehalle, in der alten Schlaflosigkeit, mit der alten
Hitze in den Augen, der Spannung in den Schläfen:³

Na abertura de sua carta Kafka já ambienta o leitor a seu universo dramático. Mesmo que a carta seja direcionada à Klopstock todos nós somos lançados em seu contexto de solidão e dor. É em meio à solidão de estar internado que Kafka reflete seu elogio às avessas. O ardor nos olhos e a tensão nas têmporas o acompanham em toda a sua jornada como escritor noturno. Durante o dia ele é funcionário em uma empresa de seguros para trabalhadores, optou por se formar em direito porque o curso de letras germânicas foi uma decepção, ele não suportava a forma como os professores lidavam com um bem tão precioso quanto a literatura era para ele. A insônia garante a ele um momento para se dedicar à literatura, mas o preço a pagar pelas noites sem descanso foi a perda prematura da saúde. A tuberculose no fim da vida permitiu que

2. Sobre a influência de Kierkegaard sobre Kafka publicamos o artigo: BAPTISTA, M. Franz Kafka e a angústia kierkegaardiana. Anais de Filosofia (UFSJ), v. 6. 2011, p. 131-149.

3. Optamos por manter o texto original no corpo do trabalho apresentando a tradução somente em nota por respeito à qualidade literária do autor. A tradução é de nossa responsabilidade, mas não seria possível sem as orientações e a supervisão do professor Elimar Joham a quem nos cabe agradecer. “Meu querido Klopstock, / Solário, na antiga insônia, com o antigo ardor nos olhos, e a velha tensão nas têmporas:”.

ele pudesse se ausentar do trabalho, mas a experiência nos sanatórios nunca foi capaz de recuperar a saúde perdida.

O primeiro trecho da carta após sua lacônica introdução ainda não trata de Abraão, mas nos serve de prelúdio.

. . . ungläubig in dieser Hinsicht war ich nie, aber erstaunt, ängstlich, den Kopf voll so vieler Fragen als es Mücken auf dieser Wiese gibt. In der Lage etwa dieser Blume neben mir, die nicht ganz gesund ist, den Kopf zwar zur Sonne hebt, wer täte das nicht? aber voll geheimer Sorgen ist wegen der quälenden Vorgänge in ihrer Wurzel und in ihren Säften, etwas ist dort geschehn, geschieht noch immer dort, aber sie hat nur sehr undeutliche, quälend undeutliche Nachricht darüber und kann doch nicht jetzt sich niederbeugen, den Boden aufkratzen und nachsehn, sondern muß es den Brüdern nachtun und sich hoch halten, nun sie tut es auch, aber müde.⁴

A sequência do texto mantém o tom dramático e exige do leitor a compreensão de que a exigência por se manter elevado, não parte do próprio desejo do autor, mas de uma exigência externa, como aquela que será imposta a Abraão. A cabeça gira em meio a pensamentos atormentantes. Pensamentos dos quais ele não pode investigar a origem, porque essa origem lhe é ulterior. É impossível chegar às bases do que lhe atordoia, como é impossível para Jó a compreensão dos tormentos que lhe foram impostos, como é impossível para Abraão entender as motivações de Deus em permitir que sua idosa mulher gere um filho para depois solicitar o sacrifício do mesmo. Como uma planta que não consegue saber o que acontece em suas raízes, todos nós humanos, sejamos Jó ou Abraão, Kafka ou José, nos encontramos em um contexto do qual

4.... eu nunca seria incrédulo a este respeito, apesar de admirado, angustiado, na cabeça cheia há muito mais perguntas que mosquitos neste prado. Uma situação semelhante à desta flor junto a mim, que não está totalmente sadia, na verdade ela ergue a cabeça para o sol – quem não faria isso? –, mas está cheia de ocultas preocupações por causa de torturantes acontecimentos em sua raiz e em suas seivas, algo aconteceu lá e ainda acontece, mas ela só possui a este respeito uma notícia muito vaga, torturantemente vaga, e não pode de forma alguma prostrar-se cavar o solo e verificar (o que lhe acontece), deve fazer como (*nachtun*) os irmãos e manter-se elevada, efetivamente ela o faz (*tut*), embora cansada.

só temos uma torturantemente vaga notícia.

É à tortura que acomete o homem a que Kafka dedica sua interpretação nada elogiosa do único Abraão que ele, em sua desesperança, poderia conhecer.

Ich könnte nur einen andern Abraham denken, der - freilich würde er es nicht bis zum Erzvater bringen, nicht einmal bis zum Altkleiderhändler - der die Forderung des Opfers sofort, bereitwillig wie ein Kellner zu erfüllen bereit wäre, der das Opfer aber doch nicht zustandebrächte, weil er von zuhause nicht fort kann, er ist Unentbehrlich, die Wirtschaft benötigt ihn, immerfort ist noch etwas anzuordnen, das Haus ist nicht fertig, aber ohne dass sein Haus fertig ist, ohne diesen Rückhalt kann er nicht fort, das sieht auch die Bibel ein, denn sie sagt: "er bestellte sein Haus" und Abraham hatte wirklich alles in Fülle schon vorher; wenn er nicht das Haus gehabt hätte, wo hätte er denn sonst den Sohn aufgezogen, in welchem Balken das Opfermesser stecken gehabt?⁵

A partir deste ponto o autor começa sua análise de Abraão, e o primeiro tópico levantado é que ele não chegaria a ser o patriarca venerado por três das principais religiões modernas. Este Abraão se prenderia a suas funções particulares, à *oikonomia* e não ao governo. As funções particulares de sua vida não permitem que ele rompa com seu cotidiano e aceite a mensagem divina que lhe foi direcionada. O primeiro Abraão de Kafka é retirado de seu contexto de ter tudo em plenitude para ser atirado à modernidade da carência em que vive o próprio Kafka. Não mais um Abraão que já possui tudo antecipadamente, mas um homem comum que precisa organizar a casa antes de se dedicar às coisas que

5. Eu só poderia pensar outro Abraão, – e certamente não o levaria a ser patriarca nem mesmo vendedor de roupas velhas –, um Abraão que com a prontidão (*bereitwillig*) de um garçom, estivesse imediatamente pronto (*bereit*) a cumprir a exigência do sacrifício, apesar disso não o leva a termo, porque ele não pode sair de casa, ele é indispensável, a economia (*Wirtschaft*) o exige, continuamente há alguma coisa a providenciar, a casa não está acabada, mas sem que a casa esteja acabada, sem este apoio ele não pode sair, isto também a Bíblia reconhece, pois ela diz: "ele colocou sua casa em ordem", e Abraão realmente tem tudo em plenitude antecipadamente (anteriormente); se não tivesse tido casa em que outro lugar ele teria educado o filho, em que viga teria espetado a faca sacrificial?

Ihe são exigidas por uma missão divina. Um Kafka que precisa servir à empresa de seguros antes de se dedicar à sua vocação para a literatura. A economia o exige mais que o chamado de Deus.

Este primeiro Abraão pode até estar pronto para sua ação, mas não consegue leva-la a termo porque ela não é a única exigência que Ihe é feita. Mas Kafka não se prende apenas a esse primeiro contexto, é necessário questionar também a intenção desse Abraão em ter essas outras atividades, porque ao alçar alturas maiores ele precisaria abdicar de algo e pode ser que ele se esquive desse sacrifício para não ter que perder nada.

am andern Tag: noch viel über diesen Abraham nachgedacht, aber es sind alte Geschichten, nicht mehr der Rede wert; besonders der wirkliche Abraham nicht, er hat schon vorher alles gehabt, wurde von der Kindheit an dazu geführt ich kann den Sprung nicht seh'n. Wenn er schon alles hatte und doch noch höher geführt werden sollte, mußte ihm nun, wenigstens scheinbar, etwas fortgenommen werden, das ist folgerichtig und kein Sprung. Anders die oberen Abrahame, die stehn auf ihrem Bauplatz und sollen nun plötzlich auf den Berg Morija; womöglich haben sie noch nicht einmal einen Sohn und sollen ihn schon opfern. Das sind Unmöglichkeiten und Sarah hat Recht, wenn sie lacht. Bleibt also nur der Verdacht, dass diese Männer absichtlich mit ihrem Haus nicht fertig werden und - um ein sehr großes Beispiel zu nennen - das Gesicht in magischen Trilogien verstecken, um es nicht heben zu müssen und den Berg zu seh'n, der in der Ferne steht.⁶

6. No outro dia. / Tenho pensado ainda muito sobre este Abraão, mas são antigas histórias, não mais dignas de se falar deles (conversa sem valor); especialmente porque não é o verdadeiro Abraão, ele (o verdadeiro Abraão) já tinha tudo de antemão, desde a infância ele foi guiado para isso, eu não consigo ver o salto. Se ele já tinha tudo, e ainda assim devesse ser guiado para alturas maiores devia ser tomado dele, ao menos aparentemente, alguma coisa, isso é lógico e não um salto. Diferentemente os Abraãos acima (anteriores) estes encontram em seu lugar de construção (na construção da casa) e que devem agora repentinamente ir ao monte Morija. Possivelmente nem mesmo tinham um filho e já o devem sacrificar. Estas são impossibilidades e Sarah tem razão quando ela ri (sempre que ela ri). Fica, portanto, somente a suspeita de que estes homens intencionalmente não tenham acabado sua casa (não ficarão prontos com a sua casa) para citar um grande exemplo – escondem o rosto em trilogias mágicas para não ter que erguê-lo e ver o monte o qual se encontra a distância.

A sequência do debate é apresentada como pertencente a outro dia. Nele novas figuras de Abraão são debatidas por Kafka. O ponto de partida para esse novo debate é a pressuposição de que Abraão não poderia se prender a casa porque tudo teria que lhe ser garantido *a priori*. Sendo assim ele não teria mais nada o que fazer, só poderia perder algo. Ainda que seja o filho que nem nasceu. O riso de Sarah é apresentado como uma reação inevitável ante todo esse contexto de entrega para ser retirada posteriormente. Tudo deve ser garantido para que Abraão possa fazer o seu sacrifício, ou seja, a plenitude de sua vida precisa ser pensada como base para possibilitar sua entrega, o que é risível. Se, na interpretação de Kafka, por um lado Sarah ri da relação entre os presente oferecidos e os sacrifícios exigidos, por outro Abraão aceita os presentes, mas se esquivava dos sacrifícios deixando a casa inacabada, ou afundando seu rosto em livros fantásticos que lhe impedem de ver o fantástico do mundo.

A este Abraão que se esconde, Kafka contrapõe ainda um outro Abraão. Este novo Abraão não está nem preso a sua casa pelas exigências da vida cotidiana, nem se esconde nessas exigências para não realizar o sacrifício, ele apenas não acredita que é digno do sacrifício solicitado, digno de receber de Deus a solicitação para executar um sacrifício.

Aber ein anderer Abraham. Einer, der durchaus richtig opfern will und überhaupt die richtige Witterung für die ganze Sache hat, aber nicht glauben kann, dass er gemeint ist, er, der widerliche alte Mann und sein Kind, der schmutzige Junge. Ihm fehlt nicht der wahre Glaube, diesen Glauben hat er, er wurde in der richtigen Verfassung opfern, wenn er nur glauben könnte, dass er gemeint ist. Er fürchtet, er werde zwar als Abraham mit dem Sohne ausreiten, aber auf dem Weg sich in Don Quixote verwandeln. Über Abraham wäre die Welt damals entsetzt gewesen, wenn sie zugesehen hätte, dieser aber fürchtet, die Welt werde sich bei dem Anblick totlachen. Es ist aber nicht die Lächerlichkeit an sich, die er fürchtet - allerdings fürchtet er auch sie, vor allem sein Mitlachen - hauptsächlich aber fürchtet er, dass diese Lächerlichkeit ihn noch älter und widerlicher, seinen Sohn noch schmutziger machen wird, noch unwürdiger,

wirklich gerufen zu werden. Ein Abraham, der ungerufen kommt! Es ist so wie wenn der beste Schüler feierlich am Schluß des Jahres eine Prämie bekommen soll und in der erwartungsvollen Stille der schlechteste Schüler infolge eines Hörfehlers aus seiner schmutzigen letzten Bank hervorkommt und die ganze Klasse losplatzt. Und es ist vielleicht gar kein Hörfehler, sein Name wurde wirklich genannt, die Belohnung des Besten soll nach der Absicht des Lehrers gleichzeitig eine Bestrafung des Schlechtesten sein⁷

O desfecho da carta apresenta esse outro Abraão, que não evita o sacrifício, mas que se acha aquém dele. Esse é o Abraão mais kafkiano, o Abraão mais sofredor, porque ele não deseja se esquivar, pelo contrário ele deseja a completa correção de seus atos. Deseja a plenitude de sua ação, mas teme que o chamado divino seja fruto de seu desejo e não de Deus. Teme que a vocação para a literatura represente apenas uma vontade sua e que sua produção seja indigna da literatura. Teme que a vida queira lhe cobrar mais do que ele pode oferecer, mais do que ele seja capaz de cumprir. Teme ser só mais um Quixote. Temores que Kafka enfrenta durante todas as noites de insônia em que sofre com o ardor nos olhos e a tensão nas têmporas.

O grande drama enfrentado por Kafka em suas análises de Abraão não é um elogio à ação do patriarca nem uma crítica às solicitações divinas, é uma delimitação do contexto humano em sua frágil impossi-

7. Mas um outro Abraão, um que quer fazer o sacrifício de forma inteiramente certa, e, sobretudo, ter as condições certas para a coisa toda, mas não pode crer que ele possa, ele, o velho homem repugnante e seu filho, o jovem porco. A ele não falta a verdadeira fé, esta fé ele tem, ele teria o estado certo se ele ao menos pudesse crer que se refira a ele. Ele teme sair a cavalo no papel de Abraão e seu filho, mas sobre o caminho se transformar em Don Quixote. Sobre Abraão o mundo de então teria ficado horrorizado se tivesse assistido, este no entanto teme que o mundo irá morrer de rir com esta visão. Mas não é o ridículo em si que ele teme – entretanto ele também o teme, sobretudo o seu rir junto – mas, principalmente entretanto ele teme, que este ridículo o tornaria ainda mais velho e repugnante e seu filho ainda mais porco, ainda mais indigno de ser efetivamente chamado (do chamado dizer-lhe respeito). Um Abraão que vem não chamado! É como se o melhor aluno festivamente ao fim do ano devesse receber um prêmio e na expectativa o pior aluno devido a um erro de audição de seu porco último banco vem a frente e a classe toda estoura de rir. E talvez não seja nenhum erro seu nome foi realmente citado e a recompensa do melhor seve segundo a intenção do professor ser um castigo do pior.

bilidade de reconhecer o que lhe é exigido para viver em paz com seus desejos e suas obrigações. O limite entre ser Abraão e Quixote. Kafka encerra a carta laconicamente de forma aporética.

Schreckliche Dinge - genug.
Sie klagen über das einsame Glück und wie ist es mit dem einsamen Unglück? - wirklich, es ist fast ein Paar.

Von Hellerau kommt nichts, es macht mich trübsinnig.
Wenn Hegner nachdenkt, so hätte er doch gleich eine Karte schicken können mit der Mitteilung, dass er nachdenkt. Unser Interesse an Hellerau ist unlöslich eines.
Ihr K⁸

A conclusão é apenas mais uma forma de demarcar a desilusão de Kafka com a realidade contemporânea. O sanatório não lhe serve de acolhimento e ante a solidão de que se queixa seu destinatário ele contrapõe a infelicidade como um par perfeito. Só, infeliz, atormentado por dores, incapaz de compreender seu destino, incapaz de realizar o que lhe é solicitado, Kafka é um novo Abraão. Um que quixotesicamente vive a tensão entre a literatura e a religião, os limites do que pode ser dito e do que pode ser exigido pelo pensamento. Dedicar-se à literatura é para ele a solicitação de um sacrifício, um sacrifício para o qual não se sente preparado, por isso solicita que suas obras sejam queimadas, ele teme que ao ofertar suas obras para o público se torne motivo de riso, como se todo o chamado que sente a escrever fosse apenas uma solicitação interna. A solidão que marca a introdução e o desfecho da carta é a mesma que marca os sentimentos desse Abraão-Quixote em sua tensão entre o chamado divino a escrever e o sacrifício de tornar a escrita digna da literatura.

Referências

ALTER, R. Anjos necessários: Tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e

8. Coisas terríveis – basta. / Você se queixa de sua sorte (*Glück*) solitária e como é com a infelicidade (*Unglück*) solitária? Certamente é praticamente um casal. / De Hellerau nada vem, isso me deixa desanimado / Seu K.

Scholem. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BAPTISTA, M.R. Sobre anjos e folhas secas: em torno do Angelus Novus de Paul Klee. *Horizonte* (Belo Horizonte), v. 10, n. 25. jan./mar. 2012, p. 157-175. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n25p157/3543>>, acesso em 15 set. 2014.

_____. Franz Kafka e a angústia kierkegaardiana. *Anais de Filosofia (UFSJ)*, v. 6. 2011, p. 131-149. Disponível em: <www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/.../art9_rev6.pdf>, acesso em 15 set. 2014.

BENJAMIN, W. 'Franz Kafka: A propósito do décimo aniversário de sua morte'. In.: *Mágia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 137-164.

BROD, M. *Franz Kafka: Souvenirs et documents*. Paris: Gallimard, 1945.

KAFKA, F. *Brief an Robert Klopstock*. Disponível em: <<http://homepage.univie.ac.at/werner.haas/1921/br21-020.htm>>, acesso em 15 set. 2015.

KIERKEGAARD, S.A. *Temor e tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KUSCHEL, K-J. *Os escritores e as escrituras*. São Paulo: Loyola, 1999.

LÖWY, M. *Franz Kafka, sonhador insubmisso*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

MOELLER, C. *Littérature Du XXsiècle et christianisme III: Espoir des Hommes*. Paris: Casterman, 1958.

SCHOLEM, G. Dez teses a-históricas sobre a cabala. In: SCHOLEM, G. *O nome de Deus, a teoria da linguagem e outros estudos de cabala e mística: Judaica II*. São Paulo; Perspectiva, 1999, p. 223- 9.